

GLOZEL E ALVÃO

OS PORTUGUESES E A INVENÇÃO DO ALFABETO

PELO

Prof. A. A. MENDES CORRÊA

Director do Instituto de Antropologia da Universidade do Pôrto

No último fascículo dos «Trabalhos» da Sociedade de Antropologia ocupou-se o sr. Humberto Pinto Lima das recentes descobertas de Glozel ⁽¹⁾, reservando prudentemente as suas conclusões sobre o assunto, embora não deixasse de exprimir as suas dúvidas de que no neolítico inicial pudessem existir mais do que alguns sinais precursores duma verdadeira escrita alfabética, aparecida mais tarde.

Estava essa nota já impressa, mas ainda não fôra o fascículo entregue à publicidade, e já novas notícias e novos juízos críticos apareciam na imprensa e nas revistas científicas sobre os achados de Glozel, os quais tiveram até o dom de interessar o grande público, não só em virtude da importância do problema das origens do alfabeto, importância que todo o mundo reconhece, mas ainda pela vivacidade das discussões estabelecidas sobre a matéria, pelas divergências profundas que se manifestaram e pela própria categoria científica e intelectual dos contendores.

(1) Humberto Pinto Lima, *As origens do alfabeto e as descobertas de Glozel*, «Trabalhos», vol. III, fasc. IV, Pôrto, 1926, pág. 49.

Julguei oportuno dar nas colunas do diário portuense «O Primeiro de Janeiro» uma sùmula dos aspectos sucessivos da questão, o que fiz num artigo que procurei tornar acessível aos leitores de reduzida cultura e em que acentuei o papel que os investigadores portugueses vinham, desde muito, desempenhando nas pesquisas das origens do alfabeto, visto que Leite de Vasconcelos e Salomon Reinach haviam encontrado certas afinidades entre as descobertas de Glozel e uns achados feitos muitos anos antes no território português, achados que, no meio dum geral scepticismo, foram interpretados por ilustres compatriotas nossos como reveladores da existência dum primitivo alfabeto neolítico na Europa ocidental.

Era, pois, de tóda a oportunidade salientar a prioridade e a importância das descobertas portuguesas em tão sugestivo domínio. Foi o que procurei fazer no seguinte artigo (1):

«Há poucas semanas aparecia na imprensa a notícia de que o ilustre crítico e historiador de arte sr. dr. José de Figueiredo recebera uma carta do eminente arqueólogo francês sr. Salomon Reinach em que se acentuava, com elogio para os cientistas portugueses, o facto de terem as recentes descobertas francesas de Glozel vindo confirmar os resultados dos estudos de Estácio da Veiga e Ricardo Severo sôbre a existência, na Europa Ocidental, dum primitivo alfabeto que remontaria à idade da pedra polida (ou período neolítico) e que seria portanto anterior às escritas fenícia, egêa e outras, as quais se tem afirmado constituírem as mais antigas representações alfabéticas.

A data e o local da invenção do formidável instrumento de progresso, que é o alfabeto, eram assim deslocados em muitos milénios e do Oriente para o Ocidente. Recordemos que, se a linguagem falada cava um abismo entre a mentalidade humana e a mentalidade dos animais, a linguagem escrita não estabelece um

(1) «Primeiro de Janeiro», de 3 de Dezembro de 1926.

abismo menos fundo entre a cultura dos povos que tem escrita e a dos que a não possuem, porque a escrita é um meio de *transmissão do adquirido* incomparavelmente superior à transmissão oral. Recordemos ainda que verosimilmente as mais antigas escritas seriam *ideográficas*, isto é, a cada conceito corresponderiam as representações figuradas respectivas. Os hieroglifos estabeleceriam mais tarde uma transição para a escrita pròpriamente alfabética em que cada som elementar é representado por um sinal próprio. O alfabeto tornou simples e fácil a expressão gráfica do pensamento, significando um inestimável progresso na cultura humana.

Ora, até há pouco, atribuía-se correntemente aos Fenícios a invenção do alfabeto e procurava-se filiar na escrita fenícia os outros alfabetos, especialmente os ocidentais. Houve, é certo, quem considerasse um primitivo alfabeto egeu como anterior ao fenício, houve quem reclamasse para os Egípcios, Assírios e outros povos a prioridade vulgarmente concedida aos Fenícios, mas estes últimos continuaram disfrutando a maioria dos sufrágios. Por outro lado, embora houvesse quem pretendesse serem alfabéticos alguns sinais encontrados em objectos da idade da pedra, em especial as pinturas enigmáticas duns seixos descobertos em Mas-de-Azil, jazida preneolítica, raros eram os que admitiam ser a invenção do alfabeto anterior a um ou dois milénios antes da nossa era. A idade da pedra, precedendo esta muitos milénios, não teria assim sido coeva de tão extraordinária invenção.

*

Ora, há dois anos, em Glozel, perto de Vichy, começaram a aparecer, numa abundante estação arqueológica, a par de objectos de pedra, osso, chifre e argila (como lâmpadas, punções, figurinhas humanas e animais, vasos, etc.), uns tíjolos em que estavam gravadas inscrições em sinais alfabéticos desconhecidos. O dr. Morlet, autor das principais escavações, publicou uma monografia e vários artigos, em que declarava tratar-se duma estação caracteristicamente neolítica e de inscrições alfabéticas da mesma data.

Calcula-se o rumor de curiosidade que se estabeleceu em

tôrno de tão transcendente achado. Não faltou logo quem duvidasse da autenticidade de tais peças, tão estranhas elas pareciam. Camille Jullian, o insigne autor da *Histoire de la Gaule*, membro da Academia Francesa, opoz dúvidas a algumas dessas peças e pronunciou-se por que mesmo o resto não era neolítico, mas muito posterior. Em bilhete que há muitos meses me escreveu, dizia supor tratar-se de inscrições de povos bárbaros com semelhanças com o alfabeto ibérico. Lembravam-lhe *litterae ephesiae*. Morlet insurgiu-se contra as dúvidas sôbre a autenticidade e insistiu na data neolítica dos achados. Sucessivamente desfilam então em Glozel figuras eminentes da arqueologia, da geologia e da etnografia. Vão lá Van Gennep, que publica os seus resultados concordantes com os do Morlet no *Mercure de France*, Depéret, o geólogo e paleontologista de Lyon, Espérandieu, Seymour de Ricci, o sábio Salomon Reinach, o nosso glorioso arqueólogo Leite de Vasconcelos, recentemente o grande prehistoriador Padre Breuil. Todos, a não ser Ricci, saem convencidos da autenticidade dos documentos, da sua antiguidade, do seu alto interêsse científico, da seriedade das pesquisas. Alguns, como Salomon Reinach, a princípio scépticos, acabam por aceitar a cronologia neolítica dos sinais alfabéticos, e a Academia das Inscrições e outras recebem comunicações nesse sentido.

Ora o interessante é que para a determinação de Reinach contribuíram dum modo decisivo descobertas do mesmo género feitas, em tempos, em Portugal e recordadas pelo dr. Leite de Vasconcelos na sua conversa com o dr. Morlet. São as descobertas realisadas há vinte anos em dolmens da província de Trás-os-Montes, os dolmens de Alvão, pelos Padres Brenha e Rafael Rodrigues e expostas por Brenha e Ricardo Severo nas páginas monumentais da «Portugália». Apareceram ali, além dos objectos vulgares do neolítico, umas pedras com sinais alfabetiformes gravados e com gravuras de animais (alguns bastante estranhos, como os de Glozel), de sóis, de figuras antropomorfas, de plantas, etc. Severo, a despeito de reconhecer que a colheita tinha sido um tanto tumultuária, emitiu a hipótese de se estar em presença de documentos da existência dum alfabeto neolítico no Ocidente da Europa, muito anteriormente à data dos alfabetos orientais. Êsses

documentos e tais conclusões foram quási geralmente postos em dúvida. Não faltou quem nêgasse a autenticidade dos extraordinários achados. Falou-se até em que os nossos arqueólogos tinham sido ludibriados por um mistificador. As descobertas de Glozel e as palavras de Salomon Reinach vinham, vinte anos depois, mostrar a injustiça feita e o ilustre conservador do Museu de Saint-Germain não hesitava em declarar: «Glozel e Alvão confirmam-se mutuamente. Duvidei até agora. Já não duvido. Tenho a certeza da cronologia neolítica das duas estações».

*

No meu regresso de Itália, um bilhete de Jullian pedia a minha humilde opinião sôbre as inscrições transmontanas. Ora nos «Povos primitivos da Lusitânia», em duas breves linhas, fundado no scepticismo geral e especialmente no que em tempos ouvira a um ilustre colaborador da «Portugália», já falecido, o dr. José Fortes, eu limitara-me a dar êsses achados como tendo duvidosa autenticidade. Em vista, porém, do que se passava e sabendo que Jullian atribuía às inscrições de Glozel uma data adiantada do período romano e considerava as letras como um cursivo latino usado em fórmulas mágicas de feitiçaria ou de encantamento, resolvi ir examinar os achados de Alvão à Póvoa de Varzim, onde o aluno da Universidade do Pôrto, sr. Ruy de Serpa Pinto me informara encontrarem-se tais objectos e o próprio sr. Abade Brenha, com quem gostaria de trocar impressões.

O exame e a conversa com o estudioso sacerdote permitiram-me dar uma longa resposta à pergunta do eminente arqueólogo francês, o qual me escreveu logo agradecendo a minha carta e dando generosamente a classificação de serviço à Sciência à desvaliosa informação que lhe enviei.

Em resumo, eu declarei ao insigne académico: que os objectos de Alvão me pareceram absolutamente autênticos; que só duas placas tinham inscrições dignas de serem supostas alfabéticas; que haviam sido encontradas ambas num só dolmen; que estavam, segundo as informações do sr. Padre Brenha, depostas sôbre um ladrilho de pedra que revestia o solo, envolvendo-as apenas alguma areia entrada pelos interstícios das paredes do dolmen; que, não

era possível estabelecer a sua contemporaneidade com o dolmen e com os objectos caracterizadamente neolíticos; que as figuras zoomórficas e antropomórficas tinham afinidades desconcertantes com representações de épocas as mais variadas desde o paleolítico até fases recentes, podendo ser atribuídas à fantasia, capricho ou imperícia dos artistas; que não tinha repugnância em atribuir a êsses objectos uma data muito posterior ao neolítico, os tempos protohistóricos, mesmo os tempos históricos; que o dolmen podia ter sido utilizado muito depois da sua construção como um recinto para fabrico de objectos votivos, mágicos ou cabalísticos; e que, emfim, me parecia, contra o ponto de vista de Reinach, que Alvão não servia para confirmar Glozel, isto é, que a cronologia neolítica de Glozel não podia basear-se nos achados de Alvão.

Há poucos dias fêz Camille Jullian duas sensacionais conferências na Academia das Inscrições, de Paris, e aí expoz luminosamente—segundo o seu costume e o testemunho unânime da imprensa parisiense—a sua tese definitiva sôbre Glozel. Tratar-se-ia duma *officina feralis*, do antro duma feiticeira, da época romana. Os objectos supostos neolíticos seriam *ex-voto* vulgares nos templos romanos, a cerâmica seria romana, as inscrições seriam fórmulas mágicas de feitiçaria, em latim, análogas às publicadas por Wunsch e Audollent. Lera-as sem dificuldade... O dolmen de Alvão teria sido utilizado para o mesmo fim, perto da época cristã.

Se tais pontos de vista se confirmam, lá se vai outra vez pela água abaixo o alfabeto neolítico do ocidente! Mas não acabaram as afirmações em sentido oposto. Breuil parece ter-se pronunciado pela data neolítica dos objectos. Elliot Smith também. Num artigo duma publicação hebdomadária de novidades científicas, Camille Jullian desenvolve, porém, de novo a sua tese e responde às objecções levantadas, as principais das quais são, a meu ver, a ausência de objectos de metal e de moedas e cerâmica caracterizadamente romanas. Isso não quere dizer nada—afirma Jullian. A louça *arretina*, por exemplo, já tinha desaparecido no século III da era cristã, data presumível da estação. E não será de admirar

que novas escavações forneçam objectos de cobre: assim m'o assegura o dr. Leite de Vasconcelos.

Mas, por outro lado, os sinais denotam uma evolução alfabética avançada, não correspondem a nada de semelhante ao que se conhecia no neolítico *indiscutível*, não são acompanhados de representações análogas nas paredes dos dolmens, etc.

O nome de Estácio da Veiga foi recordado por Salomon Reinach a propósito da sua afirmação no quarto volume das «Antiguidades monumentais do Algarve» em 1891, de que o alfabeto encontrado em monumentos epigráficos ibéricos viria desde a idade da pedra polida e seria de origem ocidental, não fenícia.

Esta suposição resultaria sobretudo da descoberta de Gongora, na caverna dos Morcegos, em Espanha, dum fragmento cerâmico com poucos sinais os quais pareciam análogos aos do alfabeto ibérico. Mas o próprio Gongora não deu tal significado ao achado, duvidando mesmo do carácter alfabético dos sinais, e, por outro lado, os achados da caverna não são neolíticos mas do princípio da era dos metais. Havia lá um objecto de ouro e a cerâmica e mais mobiliário são análogos aos tipos da cultura das cavernas do período calcolítico (idade do cobre) da Península. Quanto às inscrições ibéricas do Alentejo e do Algarve, que o nosso arqueólogo descobriu e estudou, são consideradas hoje da idade do ferro, mesmo talvez da segunda idade do ferro, isto é, posteriores ao século VI antes de Cristo.

Seja como fôr, a verdade é que os investigadores portugueses tomaram em tôda esta questão posições bem pessoais e alguns, de cujo número me excludo, forneceram elementos capitais para debate do assunto. Mesmo que, como é de presumir, se conclua pelo juízo de Camille Jullian sôbre a data e natureza das inscrições, nem porisso (na própria opinião do sábio académico) os achados feitos são de reduzido interêsse. Glozel seria para êle, uma *officina*, rica, completa, de feitiçaria. A meu ver, embora menos abundante no espólio dessa índole, o dolmen de Alvão oferece, em face de Glozel, a característica de constituir uma estação pré-histórica desviada, em data muito posterior à sua erecção, para outros fins votivos e mágicos.

Haveria ali uma curiosíssima sobreposição de intenções mis-

ticas, pois um culto, o dos mortos, teria sido o primitivo destino do monumento. Milhares de anos depois, seria êste convertido em recinto de misteriosas práticas de magia, diversas da sua função inicial».

*
* *
*

Ao artigo que publiquei no diário portuense, e que acabo de transcrever, julgo útil juntar alguns informes complementa-



Fig. 1 — Inscricção de Glozel

res, que nêle não tinham fácil cabimento pela natureza muito especializada de tais detalhes ou que, na sucessão de publicações relativas a Glozel ⁽¹⁾, chegaram ao meu conhecimento depois da data do referido artigo.

⁽¹⁾ Quási tôdas insertas ou registadas no «*Mercure de France*». Vd. nesta revista: Dr. A. Morlet, *Invention et diffusion de l'Alphabet néolithique*, n.º 667, 1.ºr Avril 1926, pág. 35; Id., *L'Alphabet néolithique de Glozel et ses Ascendances*, n.º 673, 1.ºr Juillet 1926, pág. 79; A. Van Gennep, *Une visite à Glozel*, loc. cit., pág. 93; Dr. A. Morlet, *Station néolithique de Glozel. Idoles phalliques et bisexuées*,

Em primeiro lugar reproduzo textualmente a versão portuguesa da carta que enviei a Camille Jullian, em resposta a um bilhete seu. Dessa carta é dado apenas um extracto no artigo.

«Pôrto, 15 de Outubro de 1926 — Senhor e muito distinto colega: Regressando a minha casa, depois de ter assistido ao Congresso de Americanistas, encontro o seu bilhete postal relativo às inscrições de Alvão. Acabo de fazer na Póvoa do Varzim um seu exame atento, que informações pessoais do P.º Brenha (um dos investigadores que exploraram êsses dolmens) tornaram bastante concludente. Perfilho a opinião de que aqueles dolmens são do neolítico final. Mas, embora admitindo a antiguidade das inscrições e das gravuras zoomórficas e antropomórficas que o P.º Brenha e o seu companheiro ali descobriram, tenho as dúvidas mais justificadas sôbre a cronologia neolítica dêsses achados, ou, pelo menos, das pedras com inscrições, das quais apenas duas ou três ⁽¹⁾ podem ser consideradas como apresentando sinais alfabetiformes bem evidentes, ao passo que as restantes teem traços confusos, irregulares e diferentes — quer sob o ponto de vista da sua configuração e disposição, quer relativamente à técnica da incisão — dos das inscrições bem claras.

As inscrições nitidamente alfabetiformes proveem apenas dum dos numerosos dolmens que foram explorados na região. Além disso, estes objectos não estavam envolvidos na camada arqueológica neolítica, mas apenas depostos sôbre pedras que constituam o pavimento da câmara dolménica. Não estavam rodeados senão duma pequena porção de terra que se tinha infiltrado pelos interstícios das paredes do monumento.

n.º 678, 15 Septembre 1926, pág. 562; Id., *Les Journées mémorables de Glozel*, n.º 681, 1.ºr Novembre 1926, pág. 569; Id., *Op. cit.*, II, n.º 683, 1.ºr Décembre, 1926, pág. 314; J. Loth, *A M. le Docteur Morlet au sujet des fouilles de Glozel*. Ver também na mesma revista as crónicas de Prehistória dos n.ºs 676, 679, 681, 682 e 683. Outras citações são feitas no decurso dêste artigo.

⁽¹⁾ No resumo que dei no artigo, fixei duas, número que julgo exacto, não se contando uma figura animal com sinais.

O P.^o Brenha — que me forneceu, com a mais louvável probidade, estes informes sôbre as explorações realizadas — acredita na contemporaneidade, ou quasi contemporaneidade, dos dolmens e das inscrições (1). Eu não sou da sua opinião. A ausência dêstes documentos nos outros dolmens, a sua situação estratigráfica, a ausência de qualquer inscrição dêste gênero nas paredes do monumento (2), mesmo o seu carácter estranho, diferente do da arte conhecida como indiscutivelmente neolítica e a abundância de sinais que marcam já uma evolução alfabética muito avançada, são factos que se devem tomar em séria consideração e que nos sugerem reservas sôbre a data neolítica das inscrições, mesmo talvez sôbre a sua antiguidade *prehistórica*. Pode-se acreditar na utilização dêste dolmen como um santuário ou como um lugar de fabrico de objectos votivos, mágicos ou cabalísticos, numa época *posterior* ao neolítico, mesmo em tempos protohistóricos ou históricos. As representações animais e mesmo as figuras antropomórficas teem semelhanças muito desconcertantes com figurações das épocas mais diversas. Há representações com afinidades paleolíticas, outras semelhantes às figuras neolíticas. Algumas espécies animais que se pretendeu identificar, são quaternárias. Um relance de conjunto sôbre êstes documentos leva-nos entretanto a atribuir tais semelhanças a imperfeições técnicas ou à fantasia que existiram em artistas de todos os tempos.

Creio que há algumas parecenças entre os objectos portugueses em discussão e os de Glozel. Se a data neolítica dêstes está provada por achados característicos no local, poder-se há admitir a mesma cronologia para os documentos de Alvão. Se, pelo contrário, a data das inscrições de Glozel ainda não está

(1) No seu artigo da «Portugália» dava-as categoricamente como neolíticas (José Brenha, *Dolmens ou antas no concelho de Vila Pouca d'Aguiar*. «Portugália», t. I, fasc. IV, Porto, 1903, pág. 698: «todos os objectos encontrados são caracteristicamente e indubitavelmente da época neolítica»).

(2) Sem dúvida, êste argumento, por si só, não basta. Associado aos outros, tem valor, sobretudo se nos lembrarmos de que nos dolmens portugueses não faltam gravuras e pinturas parietais de índole bem diversa.

estabelecida, não se poderá invocar os objectos de Trás-os-Montes para confirmar a sua pretensa cronologia neolítica.

Queira aceitar, senhor e eminente colega, o testemunho da minha admiração.

Desejaria reproduzir a carta muito interessante com que Camille Jullian respondeu a esta minha explanação, mas no artigo do «Janeiro» dela me ocupo já e, por outro lado, os juízos que nela expende o sábio académico, estão, em grande parte, incluídos nas versões que em seguida ofereço aos leitores.

A primeira dessas versões é o resumo da comunicação que em 12 de Novembro de 1926 fêz à Academia das Inscrições o illustre arqueólogo, comunicação que êle iniciara na sessão de 5 do mesmo mês. Traduzo a notícia dada pelo «Excelsior», de 13, a qual é muito semelhante à do «Figaro» (1) e outros jornais parisienses:

Na Academia das Inscrições, hontem, perante uma assistência considerável de membros do Instituto e de sábios vindos de fora, M. Camille Jullian expôs luminosamente o que pensa das descobertas tão ruidosas de Glozel.

Disse em substância:

— *Bric-à-brac* de feiticeira, formulário mágico, eis o que contem as explorações de Glozel.

«Tudo isso é aliás muito interessante. Porque é a primeira vez que nos encontramos em presença duma jazida completa de feitiçaria.

«As de Alvão, em Portugal; de Baarburg, na Suíça; de Tell-Sandahana, na Palestina, não forneceram senão alguns grupos de objectos.

(1) O «Figaro» fazia ressaltar a origem francesa da solução da questão. Com todo o respeito pelos investigadores franceses, creio que seria justo reconhecer, como fêz Reinach, a importância da cooperação portuguesa no debate do assunto.

«Aqui, há tôda a equipagem mágica: os sílices de cabeças de machados pré-históricos em *ex-voto*, os desenhos de animais fantásticos (corça e pavão cornudos, o «animal terrificante» com o peito servindo de cabeça, tôdas essas figuras monstruosas que excitavam a cólera de S. Jerónimo); as bonecas de bruxaria (que mostram ainda o vestígio da agulha que as perfurou e fios de lã que as prenderam), e êsses rostos famosos, sem bôca, dos enfeitados — *envoûtés* — (donde proveiu a palavra *vultus*, significando face de *envoûtement*, em francês *envoûter*); depois tôda a cerâmica familiar às feiticeiras (ornada com essas figurações talismânicas, como os bronzes gregos de que estas vasilhas e grés são o equivalente vulgar: figuras da cabeça de gavião, da estrêla do mar, da planta de hipomanes, etc.); ainda, falos em estado de depressão, calhaus com iniciais de demónios, etc., etc.

«O conjunto é fácil de datar. É do tempo dos imperadores romanos e posterior a 250 da nossa era; ponhamos uns 300 depois de Cristo.

«Como provas, as seguintes:

«A letra *x* nas inscrições substituindo a letra *s*; a correspondência absoluta das fórmulas mágicas com as dos papiros (sobretudo os d'Oslo) e das placas do deus Setk; a ausência de cerâmica com verniz vermelho (que desaparece cêrca de 250); a forma particular de certas letras, o *B* e o *C*.

«A feiticeira de Glozel teria tido uma grande voga no tempo de Probo e Diocleciano, que marcou uma renovação na feitiçaria greco-romana. Mas duvido de que a voga do recinto tenha durado além de Constantino.

«Os objectos gravados são todos em cursivo latino, em escrita corrente. Não pode haver a menor dúvida. Basta, para nos convenceremos, comparar as 22 letras que fornecem os objectos de Glozel com os cursivos do *Manuel d'épigraphie latine*, publicado por M. Cagnât.

«Há duas categorias de objectos gravados: inscrições em calhaus que são abreviaturas de nomes de demónios ou exclamações, e sobretudo inscrições em tijolos, muito mais longas — todas, sem excepção, fórmulas mágicas, correspondentes aliás a fórmulas já conhecidas por placas de chumbo ou por papiros.

«Em suma, um meio muito vulgar».

E M. Camille Jullian concluiu que não havia ali nada das primitivas civilizações — nada de alfabeto arcáico — e que Glozel se encontrava simplesmente «nos *bas-fonds* do paganismo romano na véspera da sua queda».

«Não são Adão e Eva, os iniciadores dos tempos neolíticos, são Locustas e Canídias de baixa esfera». Eis as palavras de

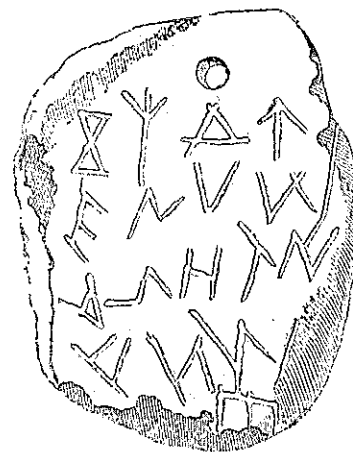


Fig. 2 — Inscrição de Alvão

remate que, segundo a transcrição do «*Mercur de France*» o «*Journal des Débats*» atribui a Camille Jullian, na notícia daquela comunicação. E o mesmo jornal resume do seguinte modo as objecções que na mesma sessão foram desenvolvidas por Salomon Reinach:

M. Salomon Reinach lamenta não poder de modo algum perfilhar a opinião de M. Camille Jullian. Para êle, a jazida de Glozel não remonta a 250 ou 300 anos depois de Cristo, mas a 3.500 anos *antes da nossa era*. «Que num meio do Baixo-Império, diz, se encontram de longe a longe, mas em pequeno número,

objectos prehistóricos conservados no estado de amuletos, como machados polidos, pontas de seta em pedra, ouriços fósseis, pedras brilhantes, isso é um facto. Mas que, num meio dessa época se não encontre nem um caco de cerâmica romana, nem uma moeda, nem um prego, isso é uma impossibilidade. Que se venha qualificar de meio romano um conjunto no qual falta qualquer indício romano, é um paradoxo não insustentável, porque foi brilhantemente sustentado, mas duma fragilidade que a reflexão, subtraída ao encanto da eloquência, depressa arruinará para sempre ».

A leitura que M. Camille Jullian deu das inscrições não convence M. Salomon Reinach.

« Seja qual fôr o engenho do intérprete, diz êle, não é possível a sério tratar-se de ler latim, mesmo de feiticeira, em textos nos quais os caracteres alfabéticos são três vezes mais numerosos do que em qualquer documento escrito ».

E M. Salomon Reinach termina por estas objecções: « Eu peço que me mostrem uma inscrição romana na qual estejam em contacto formas gregas arcaicas, fenícias e ibéricas, e em que a suástica seja empregada como letra.

« Peço que me mostrem um só exemplo, de data galo-romana, de silhuetas de animais gravadas grosseiramente em calhaus.

« Peço que me mostrem, na mesma época, um só exemplo de cerâmica tão grosseira como a das estações lacustres históricas.

« Peço que me mostrem, na época romana, um só destes animais insculturados em pedras duras que Déchelette collocava com razão no neolítico antigo.

« Não me mostrarão nada disso, porque não se suprimem trinta séculos de história; não seria capaz disso a própria arte duma feiticeira tessálica ».

Loth, o eminente celtista, declarou igualmente que Jullian não lograra convencê-lo, mas o autor da « Histoire de la Gaule » manteve a sua tese e defendeu-se das objecções formuladas.

Dias depois — em 20 de Novembro — *Les Nouvelles littéraires*

publicavam um belo artigo de Jullian sobre Glozel (1). Dêsse trabalho, que o autor teve a gentileza de me enviar, traduzo apenas a parte que diz respeito à leitura das inscrições e aquela que responde às objecções à tese exposta:

Em Glozel, as inscrições em calhaus não teem mais do que uma importância medíocre: nenhuma tem mais de dez letras, e não encerra, suponho eu, mais do que uma palavra, reduzida mesmo as mais das vezes às suas iniciais, como frequentemente succede nos textos mágicos. Trata-se sobretudo de nomes de demónios, desses demónios inumeráveis e de designações estranhas: *Bibirixi*, *Ereschigal*, *Bachachuc*, etc., cuja existência é talvez a principal curiosidade da superstição antiga; e trata-se também de fórmulas de imprecação, ou de ordem, ou de oração às divindades misteriosas ou aos seus devotos: *sta*, « pára! », *sali*, « salta! », etc., etc.

Muito mais longas, muito mais interessantes são as inscrições em tijolos. Nenhuma dificuldade quanto ao alfabeto, à escrita. É cursivo, no género do dos *graffiti* de Pompeia, mas com as particularidades de textos mais recentes: o C quadrado e não arredondado, o M de cinco ramos, o B sem curvaturas, etc. Tôdas as letras do alfabeto romano estão ali, excepto o K e o Z, porque estas letras foram sempre raras na Gália. Há, como muitas vezes no Baixo Império, alguns helenismos, por exemplo o X por CH. Quanto à língua, como é natural neste meio campestre, é uma linguagem muito vulgar: *oxum* por *ossum* (singular conhecido de *ossa*, « os »), *xali* por *sali*, « salta »; *oblatos* por *oblata*, « oferendas », etc.

As próprias inscrições são receitas ou fórmulas mágicas, análogas a tôdas aquelas que nos deram a conhecer as placas execratórias de chumbo ou os papiros diabólicos. Alguns exemplos: *movete oblatos*, « trazei as oferendas », fórmula que se encontra na magia romana desde Catão o antigo; *huc xali*, e, a par, a

(1) Camille Jullian — *Glozel*.

famosa escada de feiticeira, instrumento essencial da feitiçaria antiga, «salta a escada», fórmula que se encontra desde Aristófanes; *liga oxum*, «liga o osso», outra fórmula duma rara banalidade, com o nome do enfeitado (as mais das vezes gravado em letras invertidas, uso corrente em matéria de sortilégio).

A êste modo de expor os factos, os partidários do neolítico opuzeram as objecções seguintes:

1.º — Não há objectos de ferro. Mas o primeiro relatório das explorações assinalou-os. Além disso, nada mais natural em feitiçaria do que afastar o metal. Enfim, basta, por exemplo, estudar os machados com orifícios de suspensão para verificar que só o ferro pôde abri-las.

2.º — Ausência de cerâmica samiana, característica dos depósitos romanos. — Mas a cerâmica samiana desaparece desde o meio do século III.

3.º — A cerâmica é a da pedra polida. — É um êrro. Os vasos de Glozel, em argila recozida, espessa, modelada ao tórno, não teem nenhuma relação com a cerâmica neolítica.

4.º — Ausência de moedas. — Mas não só as moedas são muito mais raras nos depósitos do Baixo-Império, mas também há a notar que a escavação ainda não atingiu o santuário, onde podia estar o tesouro. Além disso, não se data uma jazida pelo que nela não há, mas pelo que nela há.

5.º — Não se gravava sôbre calhaus na época romana. — É um êrro. Examinai os relatórios de explorações e os papiros.

6.º — Não se gravavam animais fantásticos ou outros em pedras ou calhaus. — A mesma resposta.

7.º — A *suástica* exclui a época romana. — É um êrro. Precisamente a feitiçaria do século III adoptou-a, e ela conservou a sua voga até ao século V.

8.º — As letras são cretenses, gregas, arcáicas, fenícias. — Não, não vejo senão letras latinas, e, se considerardes a cruz inscrita num círculo como uma letra arcáica, eu responder-vos hei que é um sinal mágico muito conhecido e cujo sentido é indicado pelos livros de feitiçaria.

9.º — Só posso ler, disseram-me, letras isoladas. — É um êrro.

Leio tôdas as letras sem excepção. Leio tôdas as linhas sem excepção. Leio tôdas as fórmulas sem excepção. E essas fórmulas são tôdas conhecidas, inteiramente conhecidas, inteiramente conformes aos rituais publicados de feitiçaria romana.

No «Illustrated London News», de 23 de Outubro, Elliot Smith ocupava-se dos achados de Glozel (1) e afirmava que a



Fig. 3 — Ídolo feminino, ou boneca de bruxaria, de Alvão

questão tem girado em tórno da dificuldade em admitir o sincronismo entre objectos análogos aos madalenenses, outros de carácter neolítico e outros com afinidades cretenses. Mas, na sua opinião, tudo se explica adoptando-se o seu parecer de que o neolítico da Europa ocidental não tem início antes de 2000 a. C. O madalenense ter-se-ia prolongado até essa data e o cretense seria coevo do neolítico daquela região.

(1) Elliot Smith, *The riddle of the Glozel Alphabet*, loc. cit., pág. 782.

Nem as afinidades madalenenses em Glozel são bem nítidas (Depéret contestou que uma das gravuras representasse a rena, e Breuil afirma que os arpeus e as gravuras nada teem de comum com os arpeus e as gravuras madalenenses) nem as analogias cretenses são impressivas, nem é possível considerar estabelecida a cronologia de Elliot Smith, o qual defende, sôbre argumentos insuficientes, a tese da origem egípcia das civilizações orientais.

Na confusão de opiniões sôbre os achados de Glozel, a de Breuil, que consta duma carta a Van Genep, datada de 5 de Novembro e publicada pelo «*Mercure de France*» de 1 de Dezembro, vem acentuar o carácter estranho, invulgar, excepcional, dêsses achados:

«Nem madalenense, nem azilense, nem tardenoisense, nem campigniense, nem palafítico, nem megalítico (excepto um vaso decorado com *chevrons* e em forma de cálice, lembrando as Ilhas Britânicas); nem Cobre indígena, nem Bronze, nem Ferro; mas *exótico*, inclusivé um machado de pedra *com espigão* (lembrando talvez por acaso os da Indochina e da Birmânia): conjunto provavelmente neo-eneolítico tão estranho à civilização indígena como o seria um acampamento ou um cemitério de Espanhóis de Cortez no meio do império de Montezuma».

Para Breuil, no entanto, apenas uma flecha, aliás pouco trabalhada, se destaca, com as esquilulas de machados polidos, entre o amontoado de sílices talhados, reduzidos, segundo a autorizada opinião, «a detritos informes e inutilizáveis para o estudo».

Note-se bem: Antro de feiticeira, como afirma Jullian, ou colónia exótica, como quere Breuil—Glozel aparece-nos como uma jazida estranha, uma estação anómala e irreductível aos moldes da arqueologia vulgar, ao modo de ser habitual da época res-

pectiva na região. Lugar de extravagante magia ou ilhota de estrangeiros inconfundível com a massa indígena—é a mesma característica do espólio singular dum dolmen de Alvão perante a cultura megalítica do nosso país. Aberração exótica ou supersticiosa, ambiente de mistérios chocantes, em suma qualquer coisa de anormal perante os tipos comuns. Não são de surpreender as perplexidades e as contradições dos eruditos perante factos que se desenrolaram à margem da existência ordinária, talvez a ocul-

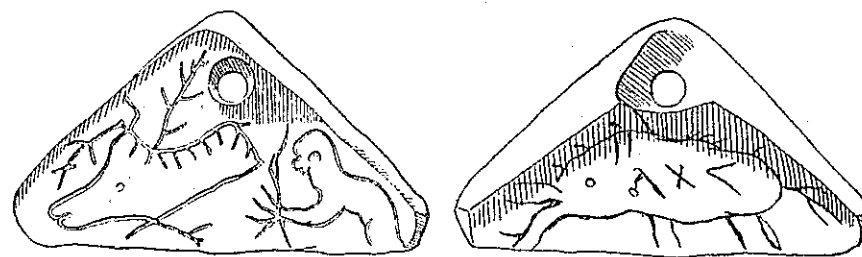


Fig. 4—Pedra gravada de Alvão, vista pelas duas faces

tas, na penumbra, pela calada da noite, na solidão, no temor do indígena ou do vulgo, no receio da vindicta pelos malefícios cometidos ou das violências dos não iniciados... O aspecto e o carácter amuletoforme de muitos objectos de Alvão tornam verosímil que o recinto fôsse especialmente destinado a práticas de magia.

*

* *

Se as inscrições de Glozel e Alvão fôsem neolíticas, teríamos de concluir que o alfabeto foi inventado duas vezes, ou que por duas vezes êle surgiu no ocidente, porque nesta área nada teria aparecido entre aquela data e a idade do ferro, a estabelecer a continuidade entre os documentos epigráficos neolíticos e os ibéricos. Entre o meio do terceiro milénio antes da nossa era—ao

qual, segundo as deduções cronológicas de Schmidt ⁽¹⁾, o eneolítico e portanto o neolítico são anteriores — e o primeiro milénio, data da idade do ferro e crivelmente das inscrições ibéricas, estabeleceu-se desse modo uma flagrante lacuna, uma funda solução de continuidade. Se recuarmos o suposto alfabeto neolítico ainda alguns milénios, é a própria concepção de Reinach que, segundo a sua expressão, aplicada à de Jullian, «suprimiria muitas dezenas de séculos de história».

No entanto, algumas objecções opostas à tese de Jullian não são inteiramente despidas de valor. Impressiona a falta de metal, duma moeda, duma peça de cerâmica romana, duma lucerna, do fundo duma ânfora, dum caco duma *ampulla* grafitada, duma *tegula*, em suma de qualquer objecto banal e característico da época romana. Exclusão propositada, ritual, dalguns dêles, é hipótese admissível — mas, em absoluto, a de todos?

Nem só a cerâmica samiana ou arretina caracteriza depósitos romanos. Ela falta, de facto, em muitos, mas há tantas outras peças documentais da época romana! Ora em Glozel as peças típicas da existência humana habitual desta época faltam completamente ou ainda não apareceram. A erudição e o talento de Jullian encontraram como explicação até certo ponto satisfatória: tratava-se dum recinto destinado a práticas extranhas, diversas das ocupações da vida corrente. E haveria, pelo menos, provas indirectas da existência de metais.

Ultimamente Franchet, firmado sobretudo na aparição dum afiador, na semelhança das figuras antropomorfas com tipos de La Tène de que seriam ainda uma evolução, e na existência, no local, dum forno de vidraria, que foi erroneamente suposto uma

⁽¹⁾ Hubert Schmidt — *Estudios acerca de los principios de la edad de los metales en España*, Madrid, 1915.

sepultura neolítica, combate esta última cronologia e inclina-se para a tese de Jullian. O fabrico local do vidro não seria, na Gália, anterior a La Tène III e êsse fabrico pressupõe a intervenção de utensílios metálicos. O forno seria coevo das inscrições ⁽¹⁾, o que é aliás contestado pelo dr. Morlet.

O enigma subsiste. Não é da minha competência pronunciar-me sobre o aspecto filológico da questão. E, no entanto, é ahi, a meu vêr, que está, por enquanto, o nó do problema. Letras latinas, cursivo romano, fórmulas em latim dos *bas-fonds* pagãos — curvo-me perante a autoridade indiscutível de Jullian. Mas, a ser assim, a mentalidade caprichosa e extravagante dos feiticeiros infligiu a essas letras torturas e deformações que aos leigos na matéria tornam tal latim irreconhecível, embora tenham notícia da modificação profunda, dos tratos de polé, que nos primeiros séculos da era cristã o cursivo antigo faz sofrer aos caracteres garrafais da escrita capital ⁽²⁾.

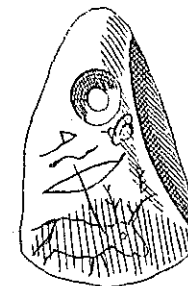


Fig. 5
Pedra gravada de Alvão

Comparei devagar as letras de Alvão com as de Glozel e com as do alfabeto ibérico. 14 caracteres de Alvão do quadro elaborado por Severo são comuns a Glozel, 8 são duma analogia menos nítida, 12 não se encontram na estação francesa, são primitivos de Alvão. Naturalmente das 100 (?) letras de Glozel faltam numerosíssimas nas inscrições de Trás-os-Montes: um dos sinais

⁽¹⁾ L. Franchet — *Les fouilles de Glozel (Allier)* — «Revue Scientifique», 13 Nov. 1926.

! Não podemos concordar com o ponto de vista de Franchet, segundo o qual não haveria objectos de pedra polida nem cerâmica no neolítico, mas só depois da utilização dos metais!

⁽²⁾ Cf., por exemplo: Maurice Prou — *Manuel de Paléographie latine et française* — 4.º édit. Paris, 1924, pág. 47 e seg.

de Glozel que falta nas inscrições portuguesas, é precisamente a suástica.

A meu vêr, as semelhanças do alfabeto de Alvão com o alfabeto ibérico são mais estreitas do que com o alfabeto de Glozel, são mesmo muito estreitas. As 22 letras ibéricas do quadro de Severo correspondem *todas* a caracteres de Alvão. As letras mais frequentes aqui não são as mais frequentes em Glozel; a não serem, porventura, os simples segmentos de recta.

Deixemos aos filólogos esta tarefa. No ponto de vista puramente arqueológico, Glozel e Alvão teem certas afinidades, não devem ser de cronologia muito diversa. Ora os objectos e as inscrições de Alvão, a meu vêr, são posteriores às primeiras fases da época megalítica. Não é, pois, verosímil que Glozel seja do neolítico, muito menos do neolítico antigo, como pretende o dr. Morlet. No entanto, é crível que seja anterior a Alvão, atendendo ao maior número de sinais alfabéticos que a estação francesa apresenta. Quanto menos sinais, quanto mais simples, mais perfeito é o alfabeto. No entanto, as inscrições e gravuras portuguesas parecem, na factura, forma e disposição, mais rudes e irregulares e, por outro lado, a maior abundância de letras em Glozel pode ser função da maior profusão de placas epigráficas na jazida gaulesa.

Dado o seu grau de evolução na representação gráfica, dadas as semelhanças com a epigrafia ibérica, as inscrições de Alvão e os objectos correspondentes não são por certo muito anteriores à idade do ferro, mesmo à segunda idade do ferro. É desta última época, do seu primeiro período (secs. V-III a. C.) que Bosch Gimpera data as inscrições ibéricas do Alentejo e do Algarve, descobertas por D. Fr. Manuel de Cenáculo, Estácio da Veiga e dr. Abel da Silva Ribeiro. Cabré relaciona, entre elas, as inscrições e as sepulturas de Bensafrim com as de estações espanholas, também da segunda idade do ferro, da provincia de Teruel. Isto é: nem

Bensafrim é por estes modernos autores espanhóis datada da primeira idade do ferro, como pretendia Estácio da Veiga, nem as

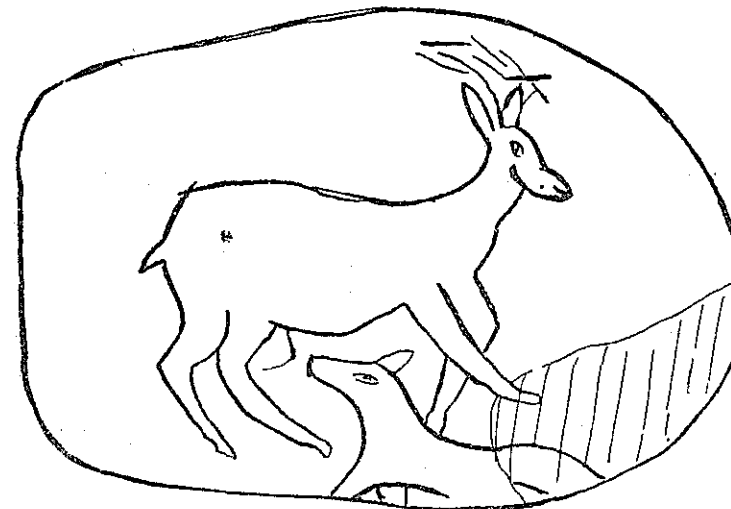


Fig. 6 — Gravura de Glozel

estações alentejanas com documentos epigráficos ibéricos são recuadas, como o nosso arqueólogo pretendia, para a idade do bronze (1).

Enfim, com toda a probabilidade, o alfabeto de Alvão não é neolítico, mas quando muito — se abstrairmos da interpretação dada por Camille Jullian — será um pouco anterior à segunda idade do ferro, isto é, *duma data que não se fixaria talvez muito antes de*

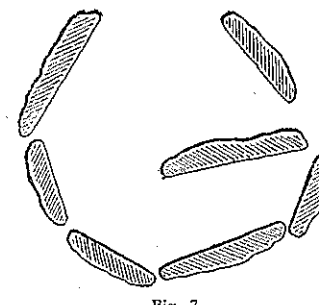


Fig. 7

Planta do dolmen de Chã das Arcas (Alvão) que forneceu as inscrições típicas

Concordo, porém, em que numa época determinada surgem frequentemente manifestações de culturas muito estranhas ou pri-

(1) Mendes Corrêa — *Os povos primitivos da Lusitânia*, Porto, 1924, págs. 265 e 266. Aí veem citados os trabalhos de Estácio da Veiga, Bosch e Cabré.

mitivas, que, examinadas isoladamente, podem conduzir a inexactidões cronológicas. Em plena Europa, em pleno século XX, não faltam recantos sertanejos em que sobrevivem velhos costumes ou se passa uma existência bem diversa da dos grandes centros. Bem heterogêneas culturas se desenrolam a poucos quilómetros de distância. Ora, numa data avançada da época romana, já quando o cristianismo alastrava dominadoramente sobre o império, quando, na velha Lusitânia, os últimos castros agonisavam e uma multidão de vilas e colónias floresciam, núcleos palpitantes de actividades novas, não era de admirar que uma bruxa rústica, substituindo ao abandonado culto dos velhos deuses o de demónios estranhos, depositasse documentos de extravagantes superstições pagãs numa esquecida câmara dolménica duma êrma serra trasmontana. Machados polidos, figuras recordando o ídolo feminino, não seriam de admirar ali, naquela paragem remota, como sobrevivências rudes de culturas anteriores.

Se as inscrições são latinas, em cursivo antigo, não me surpreende o seu aspecto, tão caprichoso era êsse cursivo. O que causa certo reparo é que fôsse dada preferência, em gravura lapidar, ao cursivo e não à escrita capital epigráfica. Mas o cursivo aparece também nas paredes de Pompeia ⁽¹⁾, e como poderão provocar-nos surpresa os caprichos ou a ignorância dos mágicos gravadores de Glozel ou Alvão?

Se, porém, temos de abandonar a leitura de Jullian e de recusar a latinidade das inscrições, não hesitarei em atribuir aos documentos de Alvão parentesco com as inscrições ibéricas ⁽²⁾.

⁽¹⁾ Maurice Prou, *Op. cit.*

⁽²⁾ Estas linhas estavam escritas quando nos foi comunicado que o sr. major Santos Ferreira supõe ter decifrado a inscrição de Alvão, representada na fig. 2. Seria, na sua opinião, uma inscrição ibérica, na qual se falava dum pecador que se acolhera doente àquele abrigo.

O sr. major Santos Ferreira é autor dum trabalho em que se propôs de-

e em os colocar com grande probabilidade numa data intermédia entre a indicada por Salomon Reinach (3500 a. C.) e a fixada por Jullian (350 a 400 depois de Cristo), mas incomparavelmente mais

monstrar que o alfabeto ibérico é a antiga escrita hierática dos Hebreus, anterior à transcrição do texto bíblico em caracteres fonéticos por Esdras. Os antigos Iberos, na sua opinião, teriam tido origem numa migração judaica e as inscrições ibéricas são lidas pelo autor daquele trabalho, que diz consistirem em epítáfios, orações, referências a acontecimentos históricos e a actos judiciais, tudo redigido em hebraico. Sobre êsses materiais tenta mesmo reconstituir a história duma pretensa comunidade judaica do sul de Portugal, muito remota. (Major J. L. Santos Ferreira — *A Escrita Hierática dos Hebreus, revelada pela interpretação das Inscrições Ibéricas.* — Pôrto, 1926).

Seguimos a curiosa exposição do autor e entendemos que, se é amplo o seu engenho e muito o seu saber, não são menores a sua imaginação e a sua fecundidade em conjecturas. Êle não se funda, por exemplo, no estudo comparado de inscrições bilingues, o que era mais seguro. De resto, a interpretação aventureira de ideogramas (essa escrita hierática seria quasi ideográfica) oferece maior terreno ao arbitrário e à fantasia do que a leitura de letras fonéticas de língua conhecida. E como se compreende que a recordação de tal remota comunidade judaica, a despeito da sua importância, não tenha sido conservada por tradições ou textos, que não sejam as inscrições ibéricas do Alentejo e Algarve, aliás tão duvidosamente hebraicas?

Não sabemos também como consegue o sr. Santos Ferreira relacionar os textos de Alvão com o singular espólio arqueológico do dolmen.

Estamos, porém, ambos plenamente de acôrdo no que respeita às analogias dos sinais de Alvão com os caracteres das legendas ibéricas do sul do país.

Segundo a opinião autorizada do sr. capitão Barros Basto, a transliteração feita pelo sr. Santos Ferreira dos caracteres ibéricos em letras hebraicas não está exacta. Além disso, não se prova que se trate duma escrita radical, como no livro se pretende.

Parece mais aceitável a hipótese do sr. Prof. Teixeira Rego, segundo a qual alguns caracteres de Alvão seriam esquematizações de animais e de scenas de caça. A magia venatória, a ajuizar por algumas gravuras (figs. 4 e 5), fazia parte das práticas executadas no dólmen trasmontano. Mas a outros caracteres não podemos atribuir a mesma origem, e, se não são ainda inteiramente alfabéticos, constituem ideogramas já muito deformados ou simplificados. Nem sequer serão hieroglíficos.

A propósito da hipótese do Prof. Rego, vejamos os sinais gravados num osso da estação madalenense de Lorthet (n.º 14 de fig. 163 de J. de Morgan — *L'Humanité préhistorique*, Paris, 1921) e comparem-se com alguns sinais de Alvão, especialmente com um da base da fig. 2 d'êste artigo.

próxima desta última: o meio do primeiro milénio antes da era cristã, ou seja nos princípios da segunda idade do ferro, ou pouco antes.

O meu espírito encontra-se, pois, perante êste dilema: ou a tese de Jullian ou a hipótese que acabo de enunciar. Em nenhum caso julgo provável a cronologia neolítica que às peças epigráficas de Alvão foi atribuída pelos investigadores portugueses Brenha e Ricardo Severo e últimamente apoiada no estrangeiro por Salomon Reinach, Morlet e outros homens de ciência. A não ser que, saltando sôbre os excelentes encadeamentos cronológicos de Schmidt, déssemos ao neolítico uma data muito recente, colocando-o no limiar da proto-história ou mesmo da história, o que é pouco provável.

A verdade é que estou longe de poder formular um juízo definitivo. Entre a probabilidade e a certeza há uma distância enorme. É perigoso confundí-las. A solução menos provável pode ser a verdadeira ⁽¹⁾.

(1) As gravuras que acompanham êste artigo, foram extraídas da «Portugália» e do «Mercure de France».